

PROTEJAM
SUAS
AMIGAS



ARTE DE AMAR
EXPRESSA

PHIOW

ARTE DE AMAR EXPRESSA

6ª EDIÇÃO

FORTALEZA, CE

EDITORIAL

No ano de 2010 lançamos a primeira edição do nosso Jornal Popular LGBTQI+ Arte de Amar Expressa, após 5 edições, e com todas as dificuldades de se manter projetos de comunicação e cultura, acabamos descontinuando o jornal. Contudo aqui estamos novamente, em uma sexta edição muito especial, trazendo algumas novidades do universo da Diversidade na Periferia.

Para comemorar, optamos por fazer uma capa diferente, uma capa com uma obra da Artista Visual Cearense Dhiovana Barroso (@ahhidindi), que você, após ler, pode transformar em um pôster lindo para colocar em sua parede. Boa Leitura!

EXPEDIENTE

Projeto Gráfico e Diagramação:
Daniel Firmino

Redação:
Ingrid Pontes e Talles Azigon

Arte da Capa:
Dhiovana Barroso

Contato:
(85) 98154-3909

DIVERSIDADE & PERIFERIA: uma narrativa de nós para nós

Página 7

TAMBORES para DERRUBAR o machismo

Página 6

VIII PARADA PELA DIVERSIDA- DE SEXUAL DE MESSEJANA

Página 4

15ª COPA DA VISIBILIDADE LÉSBICA

A Copa da visibilidade lésbica de Futebol Feminino, é um evento esportivo realizado na Periferia de Fortaleza, pela União do Povo de Santa Edwiges, através do coletivo “Arte de Amar”, desde o ano de 2004.

A proposta da ação é contribuir para qualidade de vida, bem-estar e inclusão de mulheres através de práticas esportivas, proporcionando e garantindo acesso da população feminina das periferias a um momento de lazer, entretenimento, visibilidade e reflexão acerca da promoção de Saúde.

Os jogos são realizados em Formato futebol society, com equipes formadas por no mínimo 12 atletas amadoras, sendo vetada a participação de jogadoras profissionais, pois o intuito da copa, é promover o esporte femini-

no nas periferias. As equipes que cumprirem a tabela de presença nas atividades, receberam bola e terno completo para sua equipe.

Apoiada pela Doritos, o campeonato disponibiliza vagas para as 20 equipes, que além da copa participam de outras ações, como o Congresso Técnico e o Seminário Esporte e Diversidade na Periferia.

Os jogos serão divididos em rodas e o encerramento contará com uma atração artística de Mulheres!

As equipes interessadas devem se inscrever diretamente na sede da União do Povo de Santa Edwiges, na Rua George Sosa, 97. Lagoa Redonda, Curió. Qualquer dúvida, ligar (85) 98513-5344 ou mandar um e-mail para: artediamar@hotmail.com



3

VIII PARADA

PELA DIVERSIDADE SEXUAL DE MESSEJANA

**TODAS AS VIDAS
DAS PERIFERIAS
IMPORTAM**



Realização:



Apoio:



Com o tema “Todas as Vidas das Periferias Importam” União do Povo de Santa Edwiges Realiza a VIII Parada da Diversidade da Messejana

Acontece no dia 29 de Setembro de 2019 a partir das 15h na Praça da Messejana, ao lado do Posto de Gasolina, a VIII Parada da Diversidade da Messejana.

Organizada pela União

do Povo de Santa Edwiges, através do seu Coletivo de Mulheres Cis/Trans, Lésbicas e Bissexuais: Arte de Amar e da Livro Livre Curió Biblioteca Comunitária, o evento conta com os apoios do Governo do Estado do Ceará, através do Edital de Chamamento Público da Casa Civil, da Doritos e da Prefeitura de Fortaleza.

Apresentada por Cláudia

Ferráz, artista, ativista trans e moradora da Messejana, a Parada tem em sua programação diversas artistas da região e de outras periferias da Cidade, nomes como DJ Duda Silva, Mulheres de Preto, Dj David Ly, Adrija Iverdely, Dj David Artênio, Dj Isa Alves, Talles Azigon, Elivânia Monte, Welessa Crox e o Mestre George.

Neste Ano, a Presidenta

da União do Povo de Santa Edwiges e Coordenadora do Coletivo Arte de Amar, coletivo que organiza o evento, escolheu como madrinha da VIII Parada a Poeta, Escritora, Tradutora, Editora, Nina Rizzi, que é uma das Organizadoras do Sarau de Periferia mais antigo em atividade de Fortaleza, o Sarau da B1, um dos mais fortes nomes da Literatura Brasileira Contemporânea, além de ser tradutora de dois livros de literatura infantil da Escritora e Feminista Estadunidense, Bell Hooks.

“Todas as vidas das Periferias importam” é mais que um tema, é um grito, um chamado, um alerta. Dentro de uma das regiões mais populosas de Fortaleza, a Parada da Diversidade da Messejana é a segunda maior Parada do Ceará.

Durante o evento também acontece a IV Edição da Feira da Economia Colorida, projeto que reúne empreendedores e empreendedoras LGBTQI+ em uma feira de Economia Criativa, Gastronomia, Arte, Artesanato e Moda, também organizada pela União do Povo de Santa Edwiges com o Apoio da Doritos.

laura & beatriz

nina rizzi

semana passada neymar fissurou o pé e desfalcou o paris saint-germain o jornal de ontem com a foto do craque em tamanho natural na capa cobria o corpo de laura & beatriz

laura & beatriz namoravam há três anos estavam juntando dinheiro pra comprar uma casinha só delas e nunca mais precisar se esconder fora de casa

ontem, 5 homens estupraram laura & beatriz perto do canal semana passada a polícia matou laura & beatriz quando disse que a culpa era delas

há 3 meses os ex-maridos mataram laura & beatriz quando as espancaram

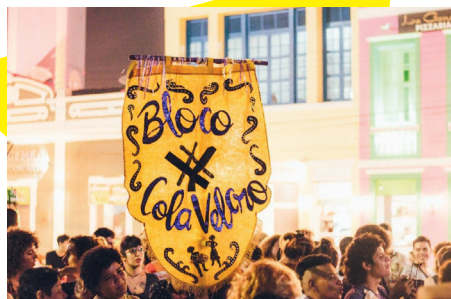
ontem toda a gente matou laura & beatriz quando filmavam a violência transformada em cena pra upar no youtube em troca de likes

a vida inteira homens e juízes mataram laura & beatriz

e vocês?

TAMBORES

para **DERRUBAR** o machismo



“**Nossa arma contra o Ódio é um mói de sapatão**” ecoa o verso ao som das Tambores de Safo, um grupo que nasceu em 2010 por iniciativa de mulheres lésbicas e bissexuais independentes e outras organizadas, através do grupo Liberdade do Amor Entre Mulheres no Ceará – LAMCE. A trajetória de afirmação e de combate ao machismo misturou-se aos ritmos de matrizes africanas, e hoje, as Tambores de Safo é um grupo musical que difunde o pensamento feminista, e divulga a cultura Afro-brasileira LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais). Atuando através da realização e fomento de ações políticas e artísticas que contribuam para pensamento crítico das mulheres, visando o combate ao machismo, ao racismo e a LB-GTTfobia.

Em 2017, algumas batuqueiras independentes das

Tambores de Safo, Batuque de Odê e Capô de fusca, articulam-se e formam um bloco também de mulheres Lésbicas e Bissexuais, o Bloco Cola Velcro. Desde sua primeira apresentação no ano de 2018 na Gentilândia (polo carnavalesco e também de encontro das/dos LGBTQI+ de Fortaleza), a iniciativa se organiza de modo autônoma através campanhas, rifas, comercialização de material artístico, para colocar o bloco na rua e combater com o poder dos tambores a violência, o racismo, a discriminação, sofrida por mulheres negras e LGBTQI+. Contudo, o Bloco não restringe-se ao carnaval, participa também de diversos cortejos, coros, ensaios abertos e outras ações.

Conheça essas Mulheres Batuqueiras, no Youtube você pode colocar Tambores de Safo e Bloco Cola o Velcro e conferir hits como “Sapatão de Favela”.

Apoios



DIVERSIDADE & PERIFERIA:

uma narrativa de nós para nós



“Demorei muito tempo para me afirmar enquanto periférica”

Me afirmei há quase quatro anos. Quando me perguntavam de onde vinha, dizia que estava situada na Grande Messejana, assim lia nos olhares uma melhor aceitação. Essa negação foi construída quando criança nas horas de almoço, após assistir meus desenhos animados, meus olhos e ouvidos permaneciam atentos com notícias de violências, resultando em mortes e mais mortes com holofotes. Ali se mostrava um lugar de vulnerabilidades, e eu odiava me sentir vulnerável e excluída.

A periferia é construída a partir do que ela não tem. Ausências de direitos, ausência do Estado, ausência de planejamento e de cidadania. Depois o nome periferia é utilizado por cientistas para minimizar os

estereótipos apontados, tornando-o como um lugar. Se pensarmos a construção histórica de periferia, foi dado e sendo aglomeradas por pessoas que chegaram no Brasil escravizadas, quando “libertadas”, não possuíam condições materiais e construíam suas casas a margem da cidade. E assim todas as pessoas que não tinham condições de sobrevivência humana de viver nas cidades formavam suas periferias. Ali fomos construindo nosso próprio lugar, nossa própria existência e sobrevivência por meio de diversos conflitos, a margem da cidade normalizadora de homens brancos, heterossexuais e cisgênero (pessoa que se identifica com o gênero a que foi dado).

Entre várias narrativas que se acentuavam para falar de nós, eu crescia nas ruas desse lugar correndo descalço, cuspidando no chão, brincando de bila com a molecada, de carimba, de beyblade (espécie de pião tradicional), de bonecos e bonecas, e tentava insistentemente e miseravelmente soltar pipa. Nesse lugar, embora negasse, pude crescer da maneira que me sentia confortável, embora as regras normalizadoras ditassem, e

ainda ditam, comportamentos de meninas e meninos. A periferia é o centro. Centro de pluralidades, da produção cultural, das artes, de resistências e dos afetos. Construímos uma forma de ser e estar no mundo, e temos o direito de ser quem quisermos ser. Aqui em nossas quebradas tem meninas que jogam futebol e não necessariamente sejam lésbicas, e tem as que jogam e são, meninos que se montam colocando sua maquiagem com seus finíssimos saltos produzindo arte; as travestis (mulheres), aquelas que não passam fazendo barraco na TV e estão na faculdade, mas temos a que fazem barraco e estão formadas, temos a Bianca que namorou João, mas que depois namorou com Patrícia, pois o amor dela não escolhe genitálias. Temos pluralidades de seres que devem ter seus direitos assegurados a partir das diferenças.

E talvez não queremos ser aceitos se for para construir um mundo padrão e normal, negando a existência das pluralidades, das formas de amar e existir. **E por isso sou periférica, mulher e sapatão.**

Ingrid Pontes
24 anos, moradora do Curió
e colaboradora do Folha Curió